

PROJ. CULINA

O S C U L I N A D O M É D I O J U R U Á

1985

SITUACÃO ATUAL

O termo 'caboclo' usado pelos regionais em oposição ao índio faz parte de etnocentrismo, onde atribuem ao índio todas as qualidades que os regionais repudiam e mistificaram desde a entrada do elemento branco na região. Usam disto para invadirem suas terras, explorarem os, enfim subjugar-los.

Assim várias são as expressões depreciativas para qualificá-los: "traíçoeiros, preguiçoso, caboclo bota porcaria, caboclo é que nem bicho, ladrão..."

Com o Culina em especial, uma das relações se processam num clima de medo e tensão. Medo de serem cometidos por feitiço, de serem mortos, de vingança de traição... Os índios por sua vez tiram proveito disto de serem tratados com cautela e agrados. Ocasionalmente ocorre de serem os pajés procurados pelos regionais mais próximos para retirarem um feitiço quando recebem pagamento.

No entanto encontram-se circunscritos em áreas restritas ou até mesmo são obrigados a transferirem-se para outras áreas como ocorreu recentemente num núcleo no Ig. Monguba ao rio Tarauacá.

Em pontos onde é grande a concentração do branco e a conseqüente escasseamento da caça e peixe; e as conseqüências das interferências e contato mais intensivo começam a sentir necessidade de um espaço que os garante a sobrevivência física e cultural.

O relacionamento dos Culina com a sociedade ocidental são discriminatórias devido ao forte preconceito. Isto se mostra tanto nas cidades quando da sua passagem e o mesmo nas proximidades de suas áreas de ocupação por parte da população envolvente, que vivem em iguais ou piores situações que estes, como invasores. São tidos como ladrões pelos não-índios de uma maneira geral e é de praxe serem acusados por roubos cometidos pelos próprios brancos.

Num período anterior ao início do esvaziamento dos seringais com o processo de decadência do sistema extrativista, houve grande mestiçagem do índio com a população branca dos rios. Depois com fluxo esta população para as cidades parte destes acompanharam os pais e hoje encontram-se em diversos municípios.

Na população das cidades de Eirunepé e Envira há grande procura do cipó, que é uma bebida de efeitos alucilógenos utilizada pelos grupos da região em um de seus rituais. Tanto os Culina como os Canamari são procurados e instrumentalizados para o fornecimento da bebida. Para o índio o que constitui um ritual de caráter social da sua cultura específica passa a ser deturpada pelo branco como uma droga qualquer com efeitos alucilógenos, numa prática individual. No entanto para o grupo esta prática tem trazido pontos negativos:

- um elemento cultural dentro de uma relação comercial.
- motivação para virem a cidade em busca da mercadoria com este comércio.

- a troca do cipó é feita por cachaça ou dinheiro com o qual a adquirem o que provoca uma grande incidência de embriaguez entre os índios e os consequentes problemas de atritos e tensões.

Após um século de contato com as frentes extrativistas os Culina desenvolveram mecanismos de defesa sócio-cultural, que garantem sua integridade como etnia. Relutam em expor suas crenças e valores ao desprezo do homem branco. Mantém a língua, as práticas de rituais, pinturas corporais, pajelância, etc...

Agora como no passado são frequentes os movimentos de grupo localizado para grupo localizado entre os Culina. Estes movimentos eram realizados por meio de varadouros, que formaram uma rede de caminhos ligando diversos pontos. Hoje apesar do uso das canoas para estes deslocamentos, ainda fazem uso de alguns destes caminhos.

Os motivos principais destes deslocarem em áreas distintas são:

- visitas entre parentes onde os laços são reafirmados quando são levadas as notícias de acontecimentos que às vezes circulam para di-

versas aldeias subsequentemente até atingir raio de grande distância. Assim hoje uma notícia levada durante uma visita para uma aldeia motiva um movimento deste para outra e assim por diante.

- fuga ou afastamento de determinado elemento ou família por motivos de desentendimento, acusações e outras questões internas de determinado grupo.
- A morte ou estado de enfermidade também os leva a deslocarem-se para comunicar os parentes da vítima do enfermo.
- Atualmente na falta do pajé em determinado local um emissário é enviado a outro local a busca de pajé para realizar a cura.
- Quando um grupo sem roça madura para comer ou tendo terminado sua roça, estes irão fazê-la, se for o caso. Num determinado espaço de tempo até que o roçado comece a produzir o grupo se esfacelará temporariamente e as famílias buscarão seus respectivos parentes em pontos diversos.
- deslocam-se todos os anos para os antigos roçados ou junto a outro grupo onde há pupunha. Se for para outro local geralmente onde há ligações de parentesco.
- Na falta de moças para os rapazes estes procuram locais onde há mulheres disponíveis. Nestas visitas geralmente são temporárias, se não for o caso de compromisso que obrigue a permanecer, e poderá ocorrer o rapto.
- o intercâmbio motiva o movimento quando em determinado grupo não haja material de fauna necessária para a elaboração de um objeto.

Assim grande é o movimento entre os diversos grupos do rio Juruá e deste para os do Tarauacá, Envira, Acuraua, Eiru e dos últimos para o Purus. Os do baixo Juruá movemntam-se mais frequentemente para o Jutai.

Na alimentação servem-se do cultivo, da coleta, pesca e caça e são saudios. O "Dori" - uma doença sendo um mal externo, é introduzida por outra pessoa, o pajé. A transmissão é feita através de uma resina vegetal, por vontade própria ou atendendo o pedido de outro elemento do grupo (A tuberculose e algumas infecções internas são classificadas como 'dori').

O "dori hapode", um feitiço realizado por um outro grupo, responsável pelos surtos e epidemias, quando o pajé queima o veneno e sopra para que o vento carregue à aldeia visada. São muito suscetíveis as doenças do branco; e neste caso a enfermidade sendo atribuída ao elemento branco, recorrem a população envolvente, comerciantes, ou local onde tem causado muitas mortes no passado e no presente - a tuberculose - haja atendimento específico - cidades próximas ou aldeias.

Consomem os mesmos artigos que os regionais e somente não dependem do comércio para a alimentação vegetal. Estão voltados para atividade extrativista e suscetíveis as condições e situações desta atividade, apesar de terem o seu ritmo e características próprias de trabalho, que são conjugados com outras atividades. A intensidade é variável de grupo para grupo. Pelo fato de serem "caboclos" reforça ainda mais a exploração do que normalmente o seringueiro branco. São qualificados como "preguiçosos" porque não produzem no corte da seringa o que normalmente produz um seringueiro branco.

As fontes de mercadoria são os marreteiros, ou seringais ou cidades mais próximas.

Com os marreteiros e nos seringais funciona o sistema de troca de a viamento das mercadorias. Aqui entra o sistema de eterno endividamento característico da empresa seringalista e marreteiros. Recebem quantias irrisórias nas trocas ao serem cobrados no preço, peso e tara. Ocorre também com frequência que nestas transações de serem induzidos a levarem determinada mercadoria e mais comumente a bebida alcoólica. O movimento em direção às cidades próximas tem se dado com mais frequência ultimamente pela falta de mercadorias (que necessitam) nos barrações, quando frequentemente ficam privados das mercadorias que necessitam. Na cidade deixam de adquirir produtos básicos para comprarem objetos que os fascinam e mais frequente a bebida alcoólica.

#### Localização

Atualmente os Culina se acham distribuídos nos seguintes rios e afluentes.

- |                 |                          |
|-----------------|--------------------------|
| Médio Rio Juruá | - ig. Salgueiro          |
|                 | - ig. Medonho            |
|                 | - ig. Riozinho do Penedo |
|                 | - ig. Bau                |
|                 | - ig. Preto              |
| Rio Eiru        | - neste mesmo rio        |
|                 | - ig. Coirí              |
| Rio Tarauacá    | - ig. Cacau              |
|                 | - ig. Coatá              |
| Rio Gregório    |                          |
| Rio Acuraua     | - neste mesmo rio        |

OBS: Recentemente dois grupos migraram do rio Envira e um grupo foi transferido do ig. Soldado afluente do médio Juruá.

#### Considerações:

Estes dados relacionados foram colhidos no contato direto com todos estes grupos realizado nos anos de 1983 e 1984 e no levantamento realizado em 1982 por membros da pastoral indigenista da Prelazia do Acre-Purus e Prelazia de Tefé-AM.

#### Histórico

Os grupos Aruak ocupavam as bacias dos rios Juruá e Purus. No Juruá concentravam-se no médio curso desses rios e seus afluentes - Gregório, bacia do Tarauacá e Envira. Todos os grupos sofreram simultaneamente o contato com a frente extrativista a partir da metade do século XIX em diante. Com a chegada desta frente houve drástica redução demográfica, e uma grande dispersão. Houve períodos em que o fluxo de migração, foi intenso e em grande número, ocasionando grande violência no contato com os grupos indígenas. "Correrias," Epidemias e doenças marcaram este contato. Inicia neste período a exploração da mão de obra indígena. Com a crise da borracha no 20 decênio deste século e o êxodo rural conseqüente a mão de obra indígena se fez necessária.

A partir da segunda metade deste século, novo ímpeto da produção da borracha e com os financiamentos se intensificou a exploração da mão de obra indígena. Atualmente com a crise econômica está havendo um esvaziamento dos seringais e a entrada das mineradoras. O índio não é engajado na mão de obra e sim marginalizado com seus últimos redutos invadidos e submetidos as consequências ecológicas e conflitos oriundo deste novo contato. Os resultados tem sido desastrosos para os diversos grupos da região, o que irão intensificar-se a cada ano. Em face disto faz-se necessário uma ação urgente para por em prática os seus direitos.

#### Terra

Há duas propostas de delimitação destas áreas que englobam cada qual: Igarapés Baú e Penedo, Rio Eiru, ig. Preto e ig. Baú. Estas propostas não atendem os interesses destes grupos e deixam excluídas áreas importantes e com a presença de índios. Desta forma a importância e urgência de definição dos diversos grupos e conhecimento destes.

Os Culina do médio Juruá

I. Rio Acuraua (Município de Envira)

I.1 Histórico da Ocupação:

O rio Acuraua, afluente do Tarauacá, é território tradicional dos Culina. Recentemente migraram do Bananal e Bacaca os Culina destes dois locais para o Macapá. O rio Acuraua é um dos locais mais remotos citado pelos índios e daí migraram para outros pontos devido as "correrias" e constantes atritos antecedendo o fluxo interno da frente extrativista no século passado e as consequentes epidemias.

I.2 Localização

Estão localizados na margem esquerda no local denominado Macapá próximo ao ig. Cupixaua 'Dsidsirihua' - município de Envira. Neste ano migraram as populações dos locais Bananal, Bacaba, Samauma (próximos da foz do Acuraua, na margem esquerda do Tarauacá) e famílias do local Piauí (foz do Envira) para o Amapá.

I.3 População

14 casas

Local	População	Famílias
Macapá	108	51

I.4 Situação atual

1.4.1. Saúde

As doenças são classificadas de três tipos:

- a do 'branco' - gripe, catapora, sarampo,...



- a do 'branco' - gripe, catapora, sarampo...
- as da mata 'dsamacomã' - diarreia, pele, olhos...
- o 'dori'

No contato indiscriminado com a população envolvente, as visitas à cidade de Envira adquirem vícios no que tange a higiene e contágio de doenças.

Quando a cura não compete ao pajé apelam ao uso de ervas, banhos, massagens e apelam para o uso de nossa medicina e para isto recorrem a população envolvente, comerciantes e nos casos graves de Pacatuba. Em Pacatuba poderão receber um tratamento ou de acordo com a gravidade há possibilidade de serem encaminhados ao hospital de Eirunepé, pela prefeitura de Envira.

Há casos de Tuberculose Pulmonar que fazem vítimas hoje e fizeram no passado. Para estes casos não recebem tratamento.

#### 1.4.2. Economia

O local é bastante farto de caça, pesca e coleta. Cultivam principalmente a macaxeira, banana e outros tubérculos. A atividade principal é a extração da seringa que é comercializada com os marreteiros, mi-niusina instalada há 6 meses no Tarauacá, cujo barracão do seringal está na foz do Acuraua. O produto é trocado pelas mercadorias que necessitam, sendo que elas não tem valor alimentício. Os animais de criação, porcos, patos e galinhas são também trocados por mercadorias.

#### 1.4.3. Relações com outros grupos

O relacionamento se faz com maior frequência com os parentes do Cacau por meio de visitas, usando o rio como canal, principalmente por ocasião de festas e também atraídos pela cidade de Envira que fica próxima do Cacau.

Desta maloca há varadouro ligando-a ao ig. Baú, via Eiru usado com mais frequência no passado.

Atualmente os do Acuraua mantêm relações de atrito com os Culina do ig. Baú, pela morte de um líder daquele local, que fora morto em novembro de 83. Este líder assassinado tinha parentesco com os do Acuraua.

Também recentemente a acusação feita sobre um pajé do Cacau de ter causado a morte de uma mulher do Acuraua tem criado clima de tensão entre estes.

#### I.4.4. Relações com a população envolvente

Considerando a discriminação e preconceitos existentes; que estimulam as tensões e definem as relações e são na maioria das vezes de conflito, podendo serem escamoteadas pelo medo do branco - poderão ser:

- de compadrio geralmente pelas famílias mais próximas, que irão estabelecer esta relação, através de agrado pelo medo ou quando estabelecem uma relação de exploração.
- de comércio quando da troca das mercadorias
- de prestação de serviços - o uso da mão barata
- de atritos que poderão ocasionar o deslocamento do índio ou do branco.
- de tolerância e desprezo, esta geralmente nos seringais e nas cidades

No ano de 84 desmancharam um barracão na foz do Acuraua a mando de Antônio Feitosa que havia sido mandado embora daquele seringal, quando houve a intermediação de um vereador daquela cidade que os conhece para acalmar os ânimos.

#### I.4.5. Área de Ocupação

Foi com o advento da exploração da borracha no final do século passado que iniciaram a invasão daquela área através dos massacres nas "carrerias", numa época em que os Culina eram muitos conforme o relato dos velhos. Eles indicam locais de maloca antiga, de capoeira velha e de pupunkais plantados pelos seus antepassados. Esta região era relativamente pouco habitada por brancos e com a recente instalação de uma miniusina para beneficiamento de borracha está havendo maior concentração de brancos.

Isto levará ao escasseamento das fontes de subsistência e contato indiscriminado interno que deverá aumentar a tensão neste território que resistem desde o contato. A proposta de delimitação elaborada pelo Órgão Tutor atinge as cabeceiras do rio Eiru há pouca distância deste local de ocupação dos Culina no Acuraua o que torna possível a alteração desta proposta para atingir esta área.

## II. Rio Tarauacá (Município Envira)

### II.1. Histórico de ocupação

A bacia do Tarauacá é território original Culina. As migrações foram dirigidas para outros pontos desta bacia com as migrações no rio Acuraua ocasionadas pelas epidemias de sarampo e conflitos intensos com os primeiros invasores antecedendo ao fluxo da frente extrativista neste rio, no início do século passado. Também houve migração do rio Eiru para a bacia Tarauacá pelos mesmos motivos. Com a formação do povoado de Pacatuba na margem direita do Tarauacá, hoje cidade de Envira, atraídos pela proximidade da cidade concentraram-se há aproximadamente 15 anos. Próximo a foz do rio Envira também fixaram-se pelo mesmo motivo anterior.

### II.2. Localização

Estão localizados na margem direita do rio Tarauacá no ig. Cacau, foz do Envira (margem direita) e mais acima no ig. Machado, afluente da margem direita deste rio. Neste ano estes dois últimos grupos mencionados migraram parte para o rio Acuraua e parte para o ig. Preto junto a seus parentes. No ig. Monguba afluente da margem esquerda do Tarauacá também próximo da cidade de Envira migrou um grupo que teria vindo há 5 anos, foram para o rio Eiru próximo ao ig. Dedama junto ao grupo de João Paridé, parentes seus.

### II.3. População

Local	População	Famílias
Cacau	81	18

### II.4. Situação Atual

## II.4. Situação Atual

### II.4.1. Saúde

A proximidade da cidade leva a um maior contágio das epidemias e outras doenças. As doenças venéreas são transmitidas aos outros índios que aí vem para visitas e conseqüentemente para os seus locais de origem. Um caso de ferimento por arma de fogo foi neste ano encaminhado pela prefeitura à Eirunepé e posteriormente Manaus onde faleceu - recorrem a cidade em caso de enfermidades, onde também são realizadas as vacinações.

### II.4.2. Escolarização

Funciona na maloca do Cacau uma escola do Mobral mantida pela Prefeitura de Envira. O primeiro professor lecionou por vários anos nesta localidade e atualmente é vereador daquele município; também com votos dos índios que são na maioria eleitores. Tem servido de intermediário em algumas questões de conflito do branco com o índio naquela região.

### II.4.3. Economia

Uma estrada foi aberta pelos índios da aldeia para a cidade incentivados pelo professor Aduino com interesses de escoamento da madeira extraída da área indígena por elemento de sua família. Também por motivos eleitoreiros já que é vereador e a estrada serve aos colonos que possuem lotes de terra, ao longo da estrada. Devido à presença de muitos brancos na área, a proximidade da cidade e a estrada, a caça, pesca e coleta são muito reduzidos. O ig. Cacau, como contam os Culina, era muito farto de peixes. Com o intenso comércio realizado com a cidade e a presença dos pescadores brancos vindos da cidade escasseou o peixe e a carne no mesmo processo. Por época da desova dos peixes há grande captura por pescadores da cidade para o abastecimento do mercado. Com a importância destes alimentos na dieta deste grupo além da coleta. Os roçados não são diversificados já que produzem a maçaqueira, banana, cana-de-açúcar e alguns tubérculos. Re

ceberam algumas sementes da prefeitura local, e incentivaram-se principalmente para a comercialização. A alimentação tem sido um grande problema para este grupo, que de dois anos para cá começa a esfacelar-se com a saída de algumas famílias. Comercializam a borracha para conseguirem produtos de consumo de valor não alimentício. Na cidade não tem a preferência pelos serviços pois com o esvaziamento dos seringais há um processo de êxodo em direção àquele município que é o único em um raio distante. Ocasionalmente realizam trabalhos de capina e broca nos roçados dos brancos localizados nesta estrada e a uma distância muito pequena da cidade.

#### II.4.4. Relações com outros grupos

Nos meses de 'inverno' deslocam-se para o rio Acuraua para a coleta da pupunha que é farta nos antigos roçados de seus antepassados. Também por ocasião dos festejos e visitas ocasionais está movimentado aquele rio. Do cacau há varadouro ligando esta maloca com o rio Eiru que é usado com frequência por ocasião das visitas entre os parentes destas duas malocas.

#### II.4.5. Relações com a população envolvente

As relações são definidas a partir da presença do intermediário que é um dos vereadores da cidade. Aí o índio é tolerado, com todo o grau de preconceito e desprezo, pela sua passividade a partir da interferência do intermediário.. Passividade esta que os deixou a disposição para a construção da estrada gratuitamente e prestação de serviços a este seu compadre. Ocasionalmente acontece pequenos furtos e a estrada é aberta a todos, para as reclamações como para as festas de 'cariú' realizada na aldeia, como para a pesca e caça. Participam dos festejos na cidade e a embriaguez é frequente.

#### II.4.6. Área de ocupação

Ocupam as margens direita e esquerda do igarapé no cultivo, caça, pesca e coleta. Encontram-se em difícil situação pela proximidade da cidade e dos brancos nesta área de ocupação bem como pelas previsões

da cidade, que está sendo levada pelo rio, crescer naquela direção. Esta área fica impossibilitada de ser incluída da área indígena do rio Eiru devido a presença da cidade. Neste caso se faz necessário o estudo e equacionamento da situação junto aos índios para se encontrar uma solução viável. A terra é devoluta na margem direita e está sendo titulada pela esquerda os lotes ao longo da estrada.

### III Rio Gregório ( Município Eirunepé )

#### III.1. Histórico de Ocupação

O rio Gregório uma faixa compreendida entre os rios Acuraua, Eiru, ig. Reconquista, ig. Riozinho do Penedo e ig. Baú é área tradicional dos Culina. Passou a ser ocupada intensamente com a frente extrativista da borracha o que ocasionou certo movimento migratório. Neste momento os seringais instalaram-se nas margens do rio Gregório dando os fundos para as áreas citadas. Em 1930 com a instalação do posto do SPI no Seringal Recreio. Houve concentração dos índios no local denominado Restauração nos fundos deste Seringal e outras concentrações e cabeceiras do Riozinho do Penedo, nestas imediações. Posteriormente com a desativação do posto com atritos internos na grande população aí concentrada dispersaram-se naquelas imediações. A aldeia está localizada em antiga capoeira dos Culina, onde permanece um pupunhal de seus antepassados. Vieram do ig. Baú há uns 5 anos.

#### III.2. Localização

Estão localizados no ig. Coatá afluente da margem esquerda do Gregório, a uma hora da margem deste rio.

#### III.3. 3 casas

Local.	População	Famílias
ig. Coatá	34	6
Adultos	mulheres - 10	
	homens - 5	

Crianças	mulheres - 10
	homens - 9

### III.4. Situação Atual

#### III.4.1. Saúde

São fortes e sadios e no caso de enfermidades procuram a população da margem ou marreteiros ou seringal onde compram os medicamentos.

#### III.4.2. Economia

A caça, pesca e coleta são relativamente abundantes nesta região onde na margem do rio Gregório há forte presença de seringueiros. Cultivam principalmente a macaxeira, a banana, cana-de-açúcar e fazem farinha. Comercializam a carne e o peixe e a borracha. Esta é realizada através de Gregoriano Alves Silva, com marreteiros e o seringal Recreio, cuja família reside neste local há 44 anos. Na venda da madeira a comercialização é feita com o seringal Recreio da firma Tarauacá S. A. de Raimundo Félix e com o seringal Valparaíso de Antônio Gomes Carvalho.

Gregoriano é o intermediário que gerencia a empreita, recebe o pagamento. Os índios recebem mercadoria pelo serviço de extração segundo os critérios do gerenciador.

#### III.4.3. Rrlação com outros grupos

Do ig. Coatá há varadouros antigos dos índios que liga esta aldeia localizada em uma capoeira antiga aos rios Eiru e Acuraua. O uso destes hoje é pouco intenso. As visitas ocorrem mais frequentemente em direção ao ig. Penedo, também através de varadouros antigos pela maior estreiteza das relações com os daquele igarapé. Neste ano de 84 com a morte de um pajé do Coatá que estava em visitas no Penedo causada por envenenamento, segundo os índios, as relações são tensas.



#### III.4.4. Relações com a população envolvente

Com Vitoriano as relações são de compadrio. Ele tem mulher acasolamento temporário e filho entre os Culina e frequentemente vai a maloca para visitas ou para alguma festa de "cariú". Em 83 as mulheres estavam revoltadas, porque ele deslocou-se com sua família (irmãos) para a maloca a fim de fazer farinha com a macaxeira dos índios. Sua família vive em condições miseráveis, e na dependência dos índios para as empreitas do corte da madeira. É o intermediário em todas as transações e vivem disto. Em 29/12/84 Vitoriano acompanhou o filho de João Nachado, marreteiro da região até a maloca enquanto o batedor ficou ancorado na foz do igarapé. Ele havia sido o intermediário do marreteiro na venda de um relógio, que por sinal não funcionava, a um Culina. O pagamento fora um porco e agora queriam mais outro. Na margem do rio Gregório reclamam muito do roubo efetuado pelos índios tanto do Coatá como do Penedo que circulam nesta área de passagem.

#### III.4.5. Área de Ocupação

Ocupam as duas margens do ig. Coatá a uma certa altura da foz, para seu plantio, corte de seringa e outras atividades. Não há presença de seringueiros dentro desta área uma vez que o seringal Coatá está vazio e falido. E não há benfeitorias de propriedade de Francisco Alves e possui titulação definitiva. Há possibilidade de ser vendido a outro proprietário e vir a ser ativado. A entrada do branco na área dá-se somente para extração da madeira. O rio Gregório a esta altura é área de grandes seringais e sociedades anônimas: a Tarauacá S.A. e mais acima a Parapacre. Na proposta de delimitação pela FUNAI o ig. Coatá fica a margem.

Se faz necessário o estudo desta área conjuntamente com os índios para serem analisados a importância e viabilidade de sua inclusão.

#### IV. Rio Juruá

##### IV.a Igarapé Salgueiro ( Município Ipixuna )

##### IV.a.1. Histórico da ocupação

Do ig. Reconquista - território original de ocupação dos Culina com as consequências da chegada do branco e a morte de um líder iniciou a migração para o baixo e alto Juruá. Subiram o Juruá, fixando-se por determinados períodos em vários igarapés afluentes até atingirem o igarapé Porto Rico quando na margem direita havia o seringal Ipixuna que deu origem a cidade de Ipixuna na outra margem há 30 anos. Esta área do ig. Porto Rico juntamente com o ig. Salgueiro, logo acima era de ocupação dos Culina. O grupo, que aí se encontra está há 5 anos instalado em uma antiga capoeira onde somente resta os pupunhais de seus antepassados. Do Porto Rico neste ano, migraram as últimas famílias, por atritos internos e embriagamento.

##### IV.a.2. Localização

Ig. Salgueiro, afluente da margem esquerda do Juruá acima da cidade de Ipixuna. No ig. Porto Rico logo abaixo do Salgueiro houve migração (julho 84) do grupo para o Itaquaí sendo que uma família está vivendo na cidade de Ipixuna. No ig. Taruma a família que residia na foz deste ig. também afluente da margem esquerda abaixo de Ipixuna migraram para o ig. Medonho.

##### IV.a.3. População

3 casas

Local	População	Famílias
1- Salgueiro	24	4
2- Ipixuna	6	1
1-	adultos -h-8 -m-7	
	crianças -h-5 -m-4	

2 -

adultos -m-3

crianças -h-3

#### IV.a.4. Situação atual

##### IV.a.4.1 - Saúde

gozam de boa saúde e em caso de enfermidade, recorram a unidade hospitalar de Ipixuna.

##### IV.a.4.2. Economia

Alimentam-se basicamente da macaxeira e seu sub-produto a farinha, a banana, a cana-de-açúcar e o mamão. A coleta, pesca e caça também são importantes na dieta. A presença intensa de seringueiros neste ig. tem escasseado a pesca e caça. O peixe é capturado em grande quantidade por época da desova pelos pescadores vindos da cidade. Comercializam a borracha, farinha e animais domésticos - porcos e galinhas junto ao barracão do seringal que fica próximo a foz do ig. no rio Juruá. Trocam estes produtos por algumas mercadorias sem valor alimentício. Na cidade comercializam a carne de caça, farinha e criação doméstica.

Dois homens são aposentados. A família que reside em Ipixuna, cujos adultos são mulheres, realizam tarefas de serviços domésticos e lavanderia, ora em troca de alimentos ora pelo dinheiro. Uma das mulheres é aposentada.

##### IV.a.4.3. Relações com outros grupos

Atualmente com a dispersão no ig. Porto Rico os contatos tem sido feitos com mais frequência com os do ig. Medonho, que é mais próximo tendo o rio como canal. Estes contatos são visitas aos parentes em épocas quaisquer e por ocasião de festa ou de enfermidade de algum parente. Com os do Eiru as relações são conflituosas, apesar da grande distância, pelo embriagamento e mortes que houveram no ig. Porto Rico - parentes seus, ocasionando dentro de uma família envolvendo marido, mulher e filhos. Deste conflito deu-se o esvaziamento do ig. e a fuga dos parentes dos mortos, que são do rio Eiru. Uma das famílias instalou-se em Ipixuna.

#### IV.a.4.4. Relações com a População Envolvente

A nível de comercialização as relações se dão como o proprietário do seringal próximo a foz do ig. no rio Juruá. Uma das aposentadorias foi conseguida através deste que faz as retiradas mensais e realiza o pagamento através de mercadorias. Este também levou uma moça Culina à Belém onde reside seus familiares para o serviço doméstico. Os índios demonstram gratidão por estas atitudes. Por outro lado reclamam de terem entregue porcos e uma arma para o conserto e não tem recebido de volta. Mantêm também relações de compadrio com os seringueiros no ig. que são em maior número no verão e no inverno retiram madeira no ig. sem a participação dos índios. Há certa passividade da parte dos índios dado o fato de serem em pequeno número em relação a população branca no ig. e ao patrão pela gratidão anteriormente citada e dada a proximidade da cidade. Na cidade são "caboclos" fornecedores de carne que vão com certa frequência para visitas e troca de produtos e atrás de bebida. Participam dos festejos da cidade e realizam na maloca festas do "cariu" quando há participação dos seringueiros. Um dos homens aposentados estava vários meses sem receber o valor em mercadoria referente a sua aposentadoria, retirada através de José Nogueira Maciel proprietário do único hotel da cidade.

Este mesmo emprega a uma das mulheres como faxineira no hotel e realiza o pagamento com sobras de comida e leite para o filho menor. A mãe é aposentada mas estava a vários meses sem receber o seu dinheiro. As duas filhas são mulheres disponíveis na cidade e recebem roupas e outros objetos pelo uso ou troca.

#### IV.a.4.5. Área de Ocupação

Neste ig. encontram-se encurralados de um lado pela cidade e do outro seringueiros. Por cima os seringueiros e por baixo o rio Juruá e seringueiros. A área de ocupação é pequena e suas estradas de seringa estão a meio das estradas dos "brancos". Plantam nas proximidades da maloca e também pescam e caçam neste ig. e alguns de seus afluentes. O Seringal Niterói é da propriedade de João Neto Marques e atinge este e outros igarapés em ambas as margens. Em face do isolamento deste grupo em relação aos demais no Juruá, proximidade da cidade, faz-se necessário uma análise junto com o grupo da situação atual e da fartura provável para se encontrar uma saída desta difícil situação em que se encontram.

#### IV.b. Ig. Medonho (Município de Eirunepé)

##### IV.b.1. Histórico da Ocupação

A faixa compreendida entre o ig. Reconquista e o ig. Penedo onde se encontra o Medonho é área original dos Culina. Os antigos varadouros partem das cabeceiras deste igarapé, nas antigas capoeiras para o ig. Reconquista, ig. Tracoá e ig. Penedo. Nesta faixa concentrava-se grande número de índios antecedendo o início da extração da borracha. No ig. Reconquista houve conflitos com a frente e no passado com a morte de um líder naquele ig. e epidemia de sarampo houve migração para o Tracoá e Medonho. Há pupunhais em capoeiras antigas no alto deste igarapé.

##### IV.b.2. Localização

O ig. Medonho desemboca no Paraná Grande, região baixa e dos lagos neste Paraná que é afluente da margem direita do Juruá.

##### IV.b.3. População

15 casas

Local	População	Famílias
Travessão	94	18
	adultos -h- 31	
	-m- 29	
	crianças -h- 18	
	-m- 16	

##### IV.b.4. Situação Atual

###### IV.b.4.1. Saúde

São sadios e em caso de enfermidades recorrem a margem do Juruá ou em casos graves a MNT no ig. Penedo, - receberam vacinação BCG pela MNT - 1982. - Casos de tuberculose pulmonar e ganglionar, Leishmaniose e fogo selvagem são encontrados neste grupo, mas não receberam o tratamento.

#### IV.b.4.2. Economia

Cultivam a macaxeira, banana, tubérculos, mamão. A pesca, caça e coleta são abundantes nesta área. A pupunha no seu tempo é importante na dieta. Comercializam o peixe salgado, caça, porcos, galinhas e patos para o provimento das outras necessidades. O comércio é realizado no Seringal Adélia no rio Juruá por uma varação. Recebem mercadorias num valor irrisório pela troca. O seringal em crise oferece pouca mercadoria e às vezes nenhuma, o que os leva a procurar marreteiros e a um seringueiro, Cetúlio, que marreta principalmente a bebida alcoólica. A crise dos seringais e o fato dos seringais daquela altura pertencerem a mesma família não tem alternativas - submetem-se.

#### IV.b.4.3. Relações com outros grupos

As visitas aos parentes por ocasião de festejos e em caso de parentes doentes dá-se no Penedo, Salgueiro. Ocasionalmente no ig. Preto e Gregório. Existe clima de tensão e hostilidade com os do Eiru devido as mortes no passado. Também com os do Baú por acusação de que um pajé daquele ig. tem colocado o "dori" num deles. SE ocorrer a morte deste é provável a vingança.

#### IV.b.4.4. Relação com a população envolvente

A relação é de tensão entre o proprietário do Seringal Adélia Sr. Edilson Maciel pois estão insatisfeitos com o valor irrisório que recebem na troca, pela falta de mercadoria no barracão. O seringalista tendo interesse maior no peixe salgado não fornece nem vende material de corte de seringa e frequentemente induz a compra da bebida alcoólica, que como dizem os índios é o que nunca falta. Há um líder que serve de intermediário nas relações e que leva os seringueiros da margem a pesca, salga o peixe e festas na maloca. Servem-se deles para conseguir a bebida e outros num clima de tensão contido pelo valor irrisório da troca destes que revendem a mercadoria do marreteiro e por não terem outra alternativas. Atualmente tem conseguido algum material de corte de seringa em suas andanças, roubando de colocações dos seringueiros.

#### IV.b.4.5. Área de Ocupação

É escassa a presença do branco naquela área, os que estão mais próximos, estão fora da área de ocupação e ocupam as colocações por ocasião do verão. No inverno vão para as margens, por ser área alagadiça. O seringal que engloba aquela área tem a sede na outra margem do Juruá e abrange as duas margens e não é titulado. O pequeno número de brancos facilitaria o encaminhamento da regularização desta área que deveria ter sido incluída na proposta de área do rio Eiru. A grande incidência da bebida alcoólica poderá afetar a coesão do grupo e provocar atritos e dispersão.

IV.c. Igarapé Penedo (município de Eirunepé)

IV.c.1. Histórico da Ocupação

Igarapé Penedo, nas proximidades do rio Gregório, território original dos Culina. São inúmeras as capoeiras e pupunhais nas cabeceiras deste ig. No tempo do SPI (1930) encontravam-se para as cabeceiras em vários pontos próximos ao posto do SPI. Restauração, Porto Velho, são pontos onde houveram maiores concentrações no passado. No tempo que andavam nus, e o branco usava rifles nas expedições. Citam os Katukinas e Caxinauas

Após a desativação do Posto do SPI foram descendo, atingiram o local denominado Brocado e posteriormente piau. Com a chegada da MNT (1969) houve maior concentração no Piau e posteriores migrações. Usavam varadouros para comunicarem-se com o ig. Reconquista, Bau e Eirú.

IV.c.2. Localização

O Penedo é afluente da margem direita do Juruá e acompanha um trecho do baixo Gregório. As malocas encontram-se à margem esquerda deste ig. em 4 pontos na seguinte sequência, subindo o ig.:

Piau - próximo a foz deste igarapé

Adsiodo -

Soldado

Hiari - na foz deste igarapé

IV.c.3. População

Piau

Local	População	Famílias
Piau	95	17
Adsiodo	7	2
Soldado	10	3
Hiari	42	9



Piau-	adultos - homens - 35
	mulheres - 30
	crianças-homens - 16
	mulheres - 15
Dsosiado	adultos - homens - 4
	mulheres - 2
	crianças -homens -
	mulheres - 1
Soldado	adultos - homens - 4
	mulheres - 3
	crianças- homens -
	mulher - 3
Hiari	adultos - homens - 10
	mulheres - 12
	crianças -homens - 7
	mulheres - 13

IV.c.4. Situação Atual

IV.c.4.1. Saúde

Recebem o tratamento de suas enfermidades e preventivos das NTB. Há casos de TB em tratamento. Vários tratamentos foram interrompidos pelo motivo das andanças para outras aldeias e para o centro de corte de seringa. As malocas de cima procuram o atendimento no caso das enfermidades. Em casos graves ou enfêrmos são encaminhados para as cidades. Atendem também a população envolvente que vem a procura de atendimento.

IV.c.4.3. Alfabetização

Mantida pela NTB, usam traduções da Bíblia no processo de alfabetização. A pajelança e outras práticas de cultura são desestimuladas e apresentadas a moral e valor do cristianismo de uma igreja protestante, fundamentalista e conservadora.

#### IV.c.4.4. Economia

Cultivam principalmente a macaxeira e tubérculos e em menor quantidade a cana-de-açúcar e banana. O peixe tem escasseado com a pesca indiscriminada dos brancos no período de desova. Vão no tempo das pupuhas para o Brocado e outras capoeiras antigas às cabeceiras. No comércio com os americanos as mercadorias que entram na barganha são as criações domésticas, caça, peixe, limão e serviço de limpeza, capina lavagem de roupa, quando recebem em troca anzóis, roupas usadas e outros objetos. Comercializam a borracha, animais domésticos e serviços de roçado e limpeza no Seringal Penedo. Recebem em troca a farinha para consumirem no centro do corte da seringa e outros objetos. Os que possuem as estradas de seringa nas imediações do Brocado deslocam-se para lá nos períodos de corte e o comércio é realizado com o Seringal Valparaíso no Gregório.

#### IV.c.4.5. Relação com outros grupos

Usam os varadouros de seus antepassados para alcançarem o Baú e daí para o Preto. No Brocado são varadouros antigos para o Coatá e daí para o Eirú. Visitam seus parentes por ocasião de contatos, festejos ou em caso de enfermidade de parentes (por ocasião de contatos) ou a busca de pajé para cura. Deslocam-se para o Medonho, Baú e Preto com maior frequência. Há relações tensas e de conflito com os do Sabóia no Eirú pelas mortes no passado.

#### IV.c.4.6. Relações com a população envolvente

Pelos roubos no seringal Penedo há clima de tensão e pressão do seringalista do Penedo para eles transferirem-se para as cabeceiras. Atualmente um líder tem desempenhado o papel de intermediário na comercialização da borracha com este seringalista. O Penedo sendo um ponto de passagem dos que vem de cima dos de baixo do Juruá ocorrem vários saques nos roçados e habitações, o que determina o grau de tensão e inflama os preconceitos. Houve no passado muita mestiçagem neste ponto do Juruá.

#### IV.c.4.7. Área de Ocupação

Dois seringais abrangem esta área: pelo Juruá o seringal Penedo de João Carvalho Martins e pelo Gregório atingindo as cabeceiras do Penedo e Seringal Valparaíso de Antônio Gomes Carvalho. Não há presença de brancos nesta área, e ambos os seringais não são titulados. Há proposta de delimitação desta área ( 8ª Delegacia Regional - 1980) mas que necessita ser alterada pois deixa as cabeceiras do Penedo de fora, área esta de ocupação memorial. Faz-se urgente a regularização desta terra para que tenham garantia.

\*\*\*\*\*

Fubonei Maria Inês de Souza

IV<sub>d</sub> - ICARAPÉ BAÚ (Mun.de Eirunepé)

IV<sub>d</sub> - 1 Histórico da Ocupação

Este igarapé é território original dos Culina, ele está compreendido na faixa entre os rios Eiru e Gregório. Conflitos ocorreram com os invasores neste igarapé, com a chegada da frente extrativista. Deste igarapé seguem varadouros dos seus antepassados para o ig. Preto e rio Eiru. Várias são as capoeiras antigas onde restam os punhais e cemitérios antigos ao longo do igarapé até suas cabeceiras. Abrigava grande número de índios, que com o contato iniciaram o processo de migração, e recentemente com a morte de um líder algumas famílias dispersaram-se.

IV<sub>d</sub> - 2 Localização

O igarapé Baú é afluente da margem direita do rio Juruá nas proximidades do rio Gregório. Suas cabeceiras são próximas das cabeceiras do rio Eiru e do rio Acuraua. As malocas localizam-se na seguinte sequência subindo o igarapé:

- . Nova Sorte - Na margem esquerda, abaixo ig. Tracoá afluente da margem esquerda do Baú.
- . Sossego - Na margem esquerda, abaixo ig. Tracoá.
- . Sacado - Na margem esquerda, abaixo ig. Mucuim afl. da margem direita do Baú.
- . Vila Nova - Na margem esquerda abaixo igarapé oito margem direita do Baú.
- . Samauma - Na margem direita, abaixo do ig. Samauma afl. da margem direita do Baú.
- . Terra Nova - Na margem esquerda
- . Ponte Grande - Na margem direita, para as cabeceiras.

IV<sub>d</sub> - 3 População

Local sexo	adultos		crianças		pop	casas	fam.
	m	f	m	f			
N. Sorte	7	9	5	6	27	5	7

Local	adultos		crianças		pop	casas	fam.
	sexo m	f	m	f			
Sossego	2	1	4	1	8	1	1
Sacádo	3	3	2	3	11	2	2
V.Nova	1	1	1	1	4	1	1
Samauma	9	7	3	8	27	5	5
T.Nova	2	2	4	3	11	1	2
P.Grande	5	6	8	4	23	3	4

#### IV<sub>d</sub> - 4 Situação Atual

##### IV<sub>d</sub> -4.2 Economia

Cultivam principalmente a macaxeira e tubérculos e servem-se da grande quantidade de pupunha nas capoeiras antigas. Este igarapé é farto de peixe e caça o que os mantém fortes e saudáveis.

Comercializam a borracha, peixe, carne de caça e animais domésticos com o Seringal Ceará no rio Juruá.

Ocasionalmente marreteiros sobem este igarapé para comércio com os Culina e serigueiros brancos.

##### IV<sub>d</sub> - 4.3 Relações com outros grupos Culina

Fazem uso dos varadouros antigos para comunicarem-se com o ig. Preto, rio Eiru, rio Acuraua e ig. Penedo. As visitas realizam-se por ocasião dos contatos, festejos, visita de parentes enfermos ou a procura de outros pajés para a cura. Neste ano de 84, grande número deslocou-se para o ig. Preto pelo motivo de não haver macaxeira madura em seus roçados.

Com os Culina do rio Acuraua as relações são de conflito, com a morte de um líder por outro índio, ambos deste igarapé. O motivo foi o em briagamento que acirrou resentimentos, de outras situações do passado. Esta morte ocorrida em 83 ocasionou a dispersão de alguns parentes do assassino, por receio da vingança dos parentes da vítima, que são do rio Acuraua.

##### IV<sub>d</sub> - 4.4 Relações com a população envolvente.

O igarapé é pouco habitado por brancos e ficam distantes do Juruá, onde esporadicamente mantém relações de compadrio.

No barracão do seringal as relações também são amistosas onde servem-se das mercadorias e a bebida alcoólica que tem causado conflitos in-

ternos no grupo. O líder que foi morto, servia de intermediário entre o seringalista, população ribeirinha e os índios. Era respeitado por ser considerado um valente e ter assassinado vários Culina no passado. Recebia pequenos benefícios e crédito por isto. O seringalista lamentam-se da morte deste intermediário: 'Hoje não há mais tuxaua, e é do que eles estão precisando',

IV<sub>d</sub> - 4.5 Área de ocupação

O Seringal Ceará de propriedade de Maurício T.Vale, abrange este igarapé e não é titulado. São quatro as famílias de seringueiros residentes neste igarapé e pelo 'verão' outras famílias sobem o igarapé para a extração da borracha e retornam a margem do Juruá, no tempo das águas.

A área de ocupação está parcialmente incluída na proposta de delimitação na Área Indígena Culina do rio Eiru (Brasília 1983) e parcialmente incluída na Área Indígena Culina dos igarapés Baú e Penedo (8ª Del' Reg.1980). Na primeira os limites foram aleatórios uma vez que o Grupo de Trabalho não esteve dentro da área proposta.

Para a garantia e atendendo o interesse deste índio, faz-se necessário um novo estudo e alteração das propostas existentes atendendo o interesse dos índios.

IV<sub>e</sub> - IGARAPÊ PRETO ( Mun.de Eirunepé )

IV<sub>e</sub> - 1 Histórico da Ocupação

Este igarapé situado na área compreendida entre o rio Eiru e o rio Gregório, território de original ocupação dos Culina. Os que aí estão são descendentes da geração que veio dos rios Acuraua e Eiru, e que devido os conflitos existentes nestes rios com a população branca que iniciava a crescer em número e epidemia de sarampo no rio Eiru. Por este período o ig.Preto não era habitado pelo 'branco'. Servem-se ainda hoje dos varadouros antigos que vão ao rio Eiru e ig. Baú e resta pouco dos pupunhais antigos pelo fato de terem sido destruídos pelos invasores que estabeleceram-se em suas capoeiras antigas.

IV<sub>e</sub> - 2 Localização

O igarapé Preto é afluente da margem direita do rio Juruá. As malocas localizam-se na seguinte sequência subindo o igarapé:

- Torre da Lua - na margem esquerda do ig.Preto, abaixo do ig. Irritini afl. da margem direita.
- Irritini - na margem direita deste igarapé, próximo a sua foz.
- Januário - Na margem esquerda do ig.Preto acima do ig.Irritini.
- Porto Velho - Na margem direita do ig.Preto, acima do Januário rio.

IV<sub>e</sub> - 3 População

Local sexo	adultos		crianças		pop.	casas	famílias
	m	f	m	f			
T. da Lua	5	2	5	5	17	3	3
Irritini	4	3	3	3	13	2	3
Januário	9	6	4	5	24	3	4
P.Velho	29	28	8	18	83	16	18

IV<sub>e</sub> - 4.1 Saúde

Em caso de enfermidades recebem o tratamento pela equipe P. Indígena Acre-Purus e que poderão serem encaminhados a cidade conforme a gravidade. Pelo fato da grande movimentação de maloca para maloca na região do rio Juruá, torna-se perigoso o contágio da tuberculose que é registrada praticamente em todas aldeias.

IV<sub>e</sub> -4.2 Economia

Cultivam principalmente a macaxeira, bananas, mamão e tubérculos. Nas capoeiras antigas próximas às malocas como foram derrubados os pupunhais (Numa destas construído o barracão do seringal - no ig. Coatá afl. do Preto.). Desta forma pelo tempo da pupunha dirige-se - boa parte das famílias para o ig. Baú a cata desta fruta.

Há fartura de peixe e caça, que vem escasseando com a pesca predatória por pescadores de Eirunepé em épocas de desova.

Comercializam a borracha, artesanato e criações domésticas nos barracões dos seringais situados abaixo e na flauta de mercadorias que necessitam, tem procurado a cidade.

IV<sub>e</sub> - 4.3 Escolarização

Funciona processo de alfabetização monolíngue (língua materna) elaborado e executado pelo CIMI.

IV<sub>e</sub> -4.4 Relações com os outros grupos Culina

Durante o período de verão reúne grande número de parentes e visitantes das outras malocas para festejos. No passado, por esta ocasião também participavam os Canamari que ocupavam a margem esquerda do rio Juruá no seringal Restauração.

As visitas aos parentes e a caso de parentes enfermos ocorre em todos períodos do ano e estas ligações são principalmente com os do Baú, Penedo e João Paridé no rio Eiru. Os Culina de Torre da Lua e Irritini frequentemente estão no Januário e Porto Velho a procura dos pajés para a cura e por ocasião das visitas. Alguns destes mantêm roçados nestes últimos locais mencionados que são usados somente por ocasião desta estadia, que as vezes se faz demorada.



Os varadouros antigos partem para o ig. Baú e rio Eiru, canais que ainda são usados para a comunicação.

Mantém relações tensas com os do Acuraua principalmente por motivo de morte de um líder no ig. Baú, da qual foram acusados de envolvimento e daí as promessas de vingança. As relações com o grupo do Sabóia são definidas por conflitos no passado, envolvendo seus parentes do ig. Penedo e estes do Sabóia, e ao mesmo tempo do medo daqueles pela valentia / destes, que envolveram-se em muitas mortes de Culina e 'brancos'.

#### IV<sub>e</sub> - 4.5 Relações com a população envolvente

As relações estavam tensas com a gerência da empresa seringalista pelo envolvimento deste com as jovens Culina, engravidamento e posterior abandono. A exploração no comércio com a borracha e animais domésticos e serviços, a níveis extremos, ocasionou a iniciativa dos índios de roubo nos barracões e o desmantelamento de um deles acima da maloca do Porto Velho, com o esvaziamento dos seringueiros e administradores naquela área. O barracão ficou abandonado, quando o gerenciador Petrônio irmão do proprietário do seringal, retirou-se do igarapé deixando o clima tenso tanto entre os índios quanto entre a população 'branca'. Neste período a situação de crise da empresa chegou a níveis insustentáveis quando os barracões estavam vazios de mercadoria, o que contribuiu para o esvaziamento da população 'branca' principalmente nas cabeceiras onde havia dificuldades de deslocamentos e de conseguir os produtos básicos.

No início de 83, os Culina foram impedidos pelo seringalista Raimundo Chagas (daquele igarapé) de venderem sua borracha em Eirunepé, quando houve a interferência do Delegado Municipal, obrigando-os entregar a borracha ao 'patrão'.

No igarapé com os seringueiros as relações são em geral de compadrio e estes tem servido de mão-de-obra barata dos índios para alguns serviços. Realizam trocas entre mercadorias por animais domésticos.

Em Eirunepé são recebidos geralmente com hostilidade pela população devido ao preconceito e ser aquela cidade ponto de passagem de Culina e Canamari. Nestas ocasiões há atritos, embriagamento e roubos.

#### IV<sub>e</sub> - 4.6 Área de Ocupação

Atualmente há somente seis famílias de seringueiros dentro da área de ocupação dos Culina neste igarapé. Estão localizados nas cabeceiras

daquele igarapé e realizam transações comerciais autônomas.

O seringal Matrinchã de Luiz Ferreira também não titulado encontra-se na área de ocupação dos índios, às cabeceiras do ig. Preto.

Na proposta de delimitação da Funai (1983), a maloca do Porto Velho e parte da área de ocupação dos índios ficou inclusa. As demais malocas e suas respectivas áreas de ocupação ficaram fora. No ITERAN consta / em suas cartas de regularização de terras uma área identificada como indígena, que inclui todas malocas do ig. Preto e suas respectivas áreas de ocupação. Faz-se necessário nova elaboração de proposta de delimitação para que englobe todas malocas, atendendo os interesses dos índios. Há urgência neste trabalho pela possibilidade de conflito com a empresa seringalista que tem pressionado os índios de retirarem-se daquele igarapé, servindo-se da intermediação da liderança do rio Eiru. O conflito poderá ser tanto com a empresa, como entre os índios e lideranças pelos atritos no passado, envolvendo parentelas.

IV<sub>f</sub>- 1 Histórico da ocupação

Por ocasião da chegada do elemento branco neste rio, numerosa foi a população nativa aí encontrada. Com a intensificação da invasão do 'branco' e suas consequências, os índios iniciaram um processo de migração que acentuou-se na medida que a presença 'branca' acentuava-se e pela pressão por parte desta, para que os índios evadissem a área. Por este período, final do século anterior, neste território original dos Culina eles encontravam-se localizados nas cabeceiras do Eiru já nas proximidades do rio Acuraua e em seus afluentes: 'Dedama'/Damazo, 'Cossija' / Piranha e outros. Muitas são as capoeiras velhas, os pupunhais que eles ainda hoje servem-se e os cemitérios. Os varadouros antigos partem para o rio Acuraua, ig. Preto e ig. Baú. As epidemias de sarampo também foram responsáveis até seis anos atrás pela migração dos Culina neste rio.

IV<sub>f</sub>- 2 Localização

O rio Eiru é afluente da margem direita do rio Juruá. As malocas localizam-se na seguinte sequência subindo o igarapé:

- . Coiri - localizada no centro deste afluente da margem direita do rio Eiru.
- . Caorimã - Acima da foz deste igarapé afluente da margem direita do Eiru, em sua margem direita.
- . João Paridé - Acima da maloca do Caorimã, à margem esquerda e abaixo do ig. Damazo afluente da margem direita' do Eiru
- . Sabóia - Na margem direita do Eiru, abaixo do ig. Agneu' afl. da margem direita.

IV<sub>f</sub>- 3 População

Local	adultos		crianças		pop.	casas	famílias
	sexo m	f	m	f			
Coiri	7	6	2	6	21	3	5
Caorima	7	7	7	5	26	4	4
João Paridé	6	7	5	6	24	5	6
Sabóia	29	22	13	12	76	8	15 - incluída população do Soldado transferida para este local.

OBS - Os que foram transferidos (31/12/84) do ig. Soldado para o rio Eiru estão relacionados no Sabóia, bem como os que migraram do ig. Monguba para o João Paridé e Caorima recentemente (Nov.84).

#### IV<sub>f</sub> - 4 Situação Atual

##### IV<sub>f</sub> - 4.1 Saúde

Não recebem nenhum atendimento específico de saúde e servem-se do seringal para comprar medicamentos. Recorrem também a cidade para adquirir estes medicamentos e tratamento dentário. A tuberculose é registrada bem como tem causado mortes. De maneira geral gozam de boa saúde e são fortes e saudáveis.

##### IV<sub>f</sub> - 4.2 Economia

A área é farta de peixe, caça e coleta. A pupunha encontrada nas caueiras antigas tem peso importante na alimentação no período das chuvas quando escasseia o peixe.

Comercializam a borracha com o seringal no sistema de aviamento e esporadicamente dirigem-se a cidade para adquirir mercadorias que são compradas ou trocadas por animais domésticos, pelo cipó (alucinógeno) e por frutas nativas. Comercializam também a madeira com madeireiros de Eirunepé.

##### IV<sub>f</sub> - 4.3 Relações com outros grupos Culina

Os do João Paridé tem contato com os do ig. Preto, pelos laços de parentesco. Participam de festas durante o verão no ig. Preto, deslocando-se através de varadouro. Todos os do rio Eiru mantêm relacionamento mais ou menos constante durante visitas, por ocasião de festejos e cura pela pajelança e mais dificilmente visitam o Cacau. Os do Sabóia mantêm relações de conflito com os do ig. Penedo e Medonho e algumas famílias do ig. Preto, por questões antigas que ocasionaram em mortes e que determinou a migração destes do ig. Penedo para o ig. Soldado e posteriormente para o rio Eiru. No Sabóia os líderes e sua parentela mantêm com os demais grupos um relacionamento tenso pelo envolvimento destes na morte de vários Culina. São tidos como valentes e no relacionamento passa haver o receio e medo por parte dos outros. Significa que em qualquer situação de conflito os 'valentes' poderão acabar com eles o que implica no risco de enfrentamento. Esta liderança por isto tem perdido seu poder de coesão e faz com que os outros pelo con-

trário afastem-se deles.

#### IV<sub>f</sub> - 4.4 Relações com a pop. envolvente

Apesar de algumas relações de compadrio e parentesco pela mestiçagem no rio Eiru a situação está muito tensa com a concentração dos Culina naquele rio com a vinda do grupo do ig. Soldado. Os índios são tidos como invasores. Nos movimentos dentro do rio são acusados de roubo nos roçados e casas. Isto somado ao preconceito, reforça o clima de tensão quando a população manifesta o medo e a passividade em relação aos índios, que são tidos como vingativos e traiçoeiros e em especial a liderança do Sabóia que já mataram tanto índios como brancos:

Em julho de 1984 houve um enfrentamento entre os índios do Sabóia e a empresa seringalista por causa da madeira que estava sendo retirada pelos Culina para comercialização. Na medida que são considerados invasores estão sujeitos as mesmas condições do seringueiro 'branco'.

Na cidade de Eirunepé, tem havido muitos atritos com os índios do rio Eiru, roubos e que resultaram em brigas, mortes e esfaqueamentos. Recorrem a cidade também a busca da bebida alcoólica. Em dezembro de 84 houve enfrentamento dos índios e a população da cidade. Membros e representantes de Eirunepé reuniram-se para encaminhamento das situações, quando foi levantado a necessidade de reforço policial e na ausência do Órgão Tutor, que a comunidade e Polícia Militar tomasse as providências para as situações de conflito e tensão. Com a vinda da Funai por ocasião deste último conflito para averiguar e encaminhar solução para o então recente acontecimento, decidiram que para evitar outros problemas e para que o clima amenizasse os Culina deveriam ficar o mais longe possível da cidade e por isto a justificativa da transferência. Realizada a partir de 31 de dezembro os Culina do ig. Soldado foram transportados para o Sabóia no rio Eiru. Naquele rio o clima de tensão tem aumentado e deverá piorar com a maior concentração de Culina.

O Delegado de Polícia de Eirunepé tem incentivado e induzido os líderes do Sabóia para que estes concentrem também os grupos Culina do ig. Preto para o Sabóia, atendendo os interesses do seringalista daquele lugar. O mesmo tem sido o intermediário no encaminhamento de soluções aos problemas envolvendo os índios da região, em detrimento dos interesses dos Culina e Canamari, pelo comprometimento deste com a política local e desconhecimento destas culturas específicas.

Há forte presença de brancos no rio Eiru dentro da área de ocupação dos índios, que abrange todo o seringal Santa Maria de Amazonino Conrado (prefeito de Manaus) e parte do seringal Mourão, onde localiza-se a vila Mourão (40 famílias), cujos proprietários pertencem a família Conrado e um destes prefeito de Eirunepé.

Esta área está em grande parte caracterizada no ITERAN como sendo indígena. Na proposta de delimitação da Área Indígena Culina do rio Eiru (1983-Brasília), todas malocas ficaram excluídas e a margem desta área.

Frente a este quadro da situação e acontecimentos envolvendo os Culina deste rio, faz-se necessário e urgente um novo trabalho para elaboração de outra proposta de delimitação onde fossem ouvidos e pesados os interesses de todos os grupos Culina do rio Eiru e dos grupos Culina dos outros igarapés onde as malocas ficaram excluídas e os igarapés que não foram abrangidos na referida proposta, por ocasião de sua elaboração.

Rubens Monteiro de Souza  
Voluntário da Opan  
Membro da Pastoral indígena  
da Prelazia Acre-Purus  
Rio Branco 23 de Janeiro de 1985.